

HOMOAFETIVIDADE TAMBÉM FREQUENTA A ESCOLA, MAS POR FAVOR NÃO ASSUMA A SUA HOMOSSEXUALIDADE POIS VOCÊ PODE TER PREJUÍZOS À SUA IMAGEM

Resumo

A pesquisa discute homoafetividade e homofobia em escolas públicas do Vale do Itajaí-SC, uma vez que as questões de gênero perpassam toda a História até os dias atuais e encontra-se a sexualidade inserida nos corpos e espaços escolares. O campo de pesquisa faz-se na escola justamente por ser ela uma instituição que permite a socialização, não podendo estar alheia a problemática do preconceito e violência contra as homoafetividades. No entanto, muitas vezes a escola parece não saber lidar com estas situações. A arqueologia e a genealogia de Michel Foucault constituem a perspectiva de abordagem da pesquisa, visando discutir a construção das identidades de gênero nos processos sócio-históricos. Os dados empíricos foram gerados pela aplicação de um questionário, em 16 escolas do Vale do Itajaí-SC. Das 21 questões, o presente trabalho faz um recorte de uma questão referente à representação de estudantes acerca do prejuízo da imagem da pessoa que assume sua homossexualidade junto à sociedade. A análise das respostas indica a supremacia da afirmativa que diz que há sim prejuízo. Isso indica a contribuição desta pesquisa para uma abordagem crítica no combate ao preconceito que permeiam os estudos sobre gênero nas escolas.

Palavras-chave: sexualidade; escola; homoafetividades; imagem; preconceito.

Clarice Klann Constantino
live_on_alias@hotmail.com

Não sei por onde começar... Eu acho que a homofobia é uma doença inútil. Pra que ter ódio e nojo de uma pessoa que é igual a você? Por quê? O que leva as pessoas a isso? O homossexual prefere hoje se manter como um “homem” escondendo sua orientação sexual com medo desses tais “homens”. Eu vivo uma situação super difícil. Minha orientação sexual é escondida dentro de mim. Três ou quatro amigos, mas amigos mesmo, sabem. Mas por que eu escondo? Porque o mundo hoje tem características tristes como o PRECONCEITO. Meu pai é homofóbico. Eu acho que ele percebe (...). Uma vez, ele deu na minha cara e disse que preferia que eu fosse bandido ao invés de “veado”! Minha lágrima correu e a vontade era de explodir! Tenho medo da reação do meu pai. Acredito que só serei feliz quando ele se for. Sofro bastante. Ele me cobra por que não tenho namorada, por que eu não gosto de futebol, por que só tenho amigas mulheres e meus amigos homens são gays. Já quase falei a verdade, mas juro que ele me mataria ou me expulsaria de casa! Por isso, não vejo a hora de completar 18 anos e ir embora, seguir meu destino, sem autorização de ninguém. (...) Eu vivo uma vida de cão! Só você, professora, sabe agora o tanto que sofro. Na sala de aula, eu tenho aspecto feliz, brincalhão, sorridente... Mas por dentro só existe rancor e mágoa pronta para explodir e dizer tudo o que está aqui dentro! Minha irmã (...) é a única pessoa da minha família que sabe e me ajuda. Eu a amo muito! Somos amigos pra caramba! Minha mãe desconfia, mas não diz nada (...), quando descobrir, não será nenhum espanto. Só penso na reação do meu pai! Professora, peço de coração, não comente isso com meus colegas. Confio em você como amiga de verdade! A homofobia faz parte da minha vida! E é por isso que a odeio!!! Diga não à homofobia! Muito obrigado, professora! J. S.¹

O artigo visa discutir gênero e sexualidade nos espaços escolares, com um recorte no que tange às homoafetividades, pois se de um lado a escola é vista como um meio facilitador para a socialização de outro fazem-se presentes relações de poder e é justamente nesse ambiente que circulam corpos, sexualidade, sujeitos, identidades, poder político, técnicas disciplinares. No entanto, pode ser considerado um local distante do preconceito e da discriminação?

O corpo é uma construção social (ABRAMOWICZ, 2010), e muito antes de nascermos temos em nossos corpos uma narrativa deixada por nossos antepassados e contemporâneos. A escola, por sua vez, como instituição social e política que é também

¹ Rogério Diniz Junqueira, localizado no livro Educação e Sexualidade: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia..., organizado por Paula Regina Costa Ribeiro... [et al]. Rio Grande: Editora da FURG, 2008. A carta encontra-se nas páginas 14 e 15.

deixa marcas nestes corpos. Enquanto alunos, seus corpos permanecem sentados em suas cadeiras escolares por horas, com horários determinados, em posições disciplinadas, como mero receptor do conhecimento.

Na circunstância escolar, quando se fala da sexualidade destes corpos apresenta-se aos estudantes a heterossexualidade como norma a ser seguida, ou seja, uma heteronormatividade. A partir do momento que estes corpos “quebram” a barreira do tradicional, e questionam os padrões morais, principalmente em torno dessa unicidade da heterossexualidade, são vistos como transgressores da norma, anormais, doentes, ou seja, a mercê de todo tipo de estigmas e preconceitos.

Carvalho; Andrade; Junqueira conceituam a heteronormatividade como

o conjunto de valores, normas, dispositivos e mecanismos definidores da heterossexualidade como a única forma legítima e natural de expressão identitária e sexual que faz com que a homossexualidade, a transgeneridade e as práticas sexuais não reprodutivas sejam vistas como desvio, crime, aberração, doença, perversão, imoralidade, pecado.[...]A heteronormatividade é geralmente ensinada pelas instituições sociais (família, igreja, escola) ao longo dos processos normativos e normalizadores de produção dos sujeitos, corpos e identidade (2009, p. 20-21).

Mas e a sexualidade? O que seria?

[...] a sexualidade é o nome dado a um dispositivo histórico [...] à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles, das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1997, p.100).

A sexualidade fruto de produção da cultura, está agregada a relações de poder e é através destas que os significados culturais do que se considera importante para cada grupo social são construídos (COSTA, 2004). Assim, compreende-se cultura como “um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla”(SILVA, 2004, p.133-134)

A sexualidade possui seu significado pela cultura e é constituída pela correlação de vários elementos sociais presentes no âmbito familiar, na medicina, na educação, na religião através de estratégias de poder/saber sobre o sexo.

Nesse momento tem-se um possível embate das relações de poder para que a disciplina e o controle prevaleçam, pois quando se fala em gênero tem-se o feminino e o masculino, pois é desta forma que a Biologia nos ensinou: meninos têm pênis, meninas têm vagina, ou do ponto de vista da religião somente é aceita a união de um homem com uma mulher, pois a procriação ficaria prejudicada face à união de pessoas do mesmo sexo, ou ainda do ponto de vista médico pode ser visto como doença.

A classificação binária, ao longo do tempo, em nosso contexto histórico-cultural papéis definidos para o homem e para a mulher. Nestes papéis, à mulher cabia o desempenho dos afazeres e cuidados do lar, a procriação e criação dos filhos e o zelo para com seu marido ao passo que de outro, caberia ao homem prover o sustento e tomada de decisões da família.

Vê-se uma hierarquia e valores estabelecidos por uma sociedade em que impera o patriarquismo e a submissão da mulher, porém surgem questionamentos sobre a norma biológica, sobre a alegada superioridade do homem e, por conseguinte a fragilidade feminina em uma nítida relação de poder do homem sobre a mulher.

É com os movimentos feministas que começam as primeiras manifestações de quebra dessa hegemonia, produzindo-se discursos no “sentido de desconstruírem o assim chamado imperativo biológico que postulava a diferença entre os sexos.” (ABRAMOWICZ, 2010, p.66).

A sociedade fica envolta em uma constituição de estratégias e jogos de verdades, encontrando-se a heterossexualidade nessa trama de poder, pois ao passo que o senso comum possa gerar o entendimento de que a sexualidade sempre foi algo velado, pelo contrário, ela ao longo da História era algo constantemente falado e havia a necessidade de controlá-la, de reprimi-la ao passo que “a repressão da homossexualidade historicamente nutriu a determinação de exprimi-la” (ERIBON, 2008, p.18).

Desse modo, o caminho desses movimentos tomam outros conceitos e formas, pois a sexualidade vai além de uma divisão simplista: masculino ou feminino e é através dela que ter-se-á um verdadeiro jogo de estratégias e manobras existentes nas relações de poder (FOUCAULT,1977).

As identidades de gênero são construções sociais. Elas se constituem de acordo com os contextos históricos, sociais, políticos e culturais de um povo e, por conseguinte não são fixas, mas sim em constante transformação e evolução, eis que a identidade fixa seria uma fantasia.

No entanto, em que pesem os avanços dos movimentos feministas ao longo do tempo pela desconstrução de vários dogmas e normatividades, ainda se vive em uma sociedade disciplinada e de controle. Nessa sociedade disciplinada que se tem a normatização da heterossexualidade, constituindo-se família tão somente a união de um homem com uma mulher, sendo a exceção disso considerada uma violação da norma e em muitos momentos considerada uma patologia.

em nossa sociedade, a não heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico, que, influenciado, pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamento sexuais, sob a acusação de crime, pecado ou doença. (PRADO, 2012, p.12).

E quando se fala em hegemonia e disciplina uma das instituições com a qual nos deparamos é a escola, pois ela reproduz discursos de que aluno bom é aquele que obedece as regras, que aceita a disciplina, que tira notas boas, senta e obedece calado.No entanto, a sexualidade também encontra-se na escola, pois “manifesta-se na criança também como vontade de saber, de descobrir, de experimentar poder” (ABRAMOWICZ, 2010, p.83).

Assim, há um encontro entre sexualidade e escola. A questão é como administrar essa problemática, já que a pedagogia da sexualidade tem em seu currículo modelos que funcionam como instrumentos de controle comportamental de cada escolar, ditando

como ter relações sexuais, prevenir-se sobre as doenças sexualmente transmissíveis, como usar meios contraceptivos, etc?

Encontra-se inserida uma *práxis* de caráter biologicista indo na contra-mão do pensamento que compreende que as temáticas sobre corpos, gêneros e sexualidade, estão incorporadas nas questões sociais fazendo-se necessária a sua discussão nas escolas. E com que amparo proceder?

Esse controle exercido pela educação sexual sobre o corpo nada mais é do que uma engrenagem de um sistema que se utiliza das técnicas de poder disciplinar e biopolítica:

[...] a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos [...] Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se faz consoante o modo de individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante, mas que é massificante [...] que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem espécie [...] algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma "biopolítica" da espécie humana (FOUCAULT, 2005, p. 289).

Cria-se uma ortopedia moral sobre o corpo e alma dos escolares (VARELA, 1992), pois identidades consideradas fora dos ditos dos padrões de predomínio são renegadas e punidas.

Não se permite a emancipação da criança/do jovem e tão pouco se parte de uma premissa de que todos são iguais. Na verdade, ocorre ao contrário, o sistema escolar eterniza e sedimenta as diferenças, pois não causa estranhamento a demonstração pública de afeto entre um menino e uma menina, mas escandaliza –se com a troca de carinhos de pessoas do mesmo sexo.

Em que pese a escola tomar conhecimento de movimentos e lutas que retratam uma sexualidade mais plural "é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão [...] afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro" (LOURO, 2007, p. 43-44).

O espaço escolar não consegue se desvencilhar da imperatividade da norma pregando o discurso de uma sexualidade heterossexual como regra geral, pois diferencia meninos e meninas, estabelece a formação de filas separadas pelo sexo, a cor azul para os meninos, a cor rosa para as meninas, a dança para elas, o chorar como proibido para meninos (ABRAMOWICZ,2010).

Ela fabrica posturas que se esvaem na sociedade em geral, pregando a fragilidade do sexo feminino e a virilidade masculina e com isso, ao longo do tempo, disseminaram-se crenças, ou seja, regras estabelecidas que a escola reproduz em seus discursos, mas que não estão construídos no corpo do infante de forma biológica e natural, mas sim de forma impositiva.

Ora, “[...] o corpo é uma construção social que se faz na prática cotidiana da escola a partir das práticas que incidem sobre ele” (ABRAMOWICZ, 2010, p.91). A escola enquanto um espaço sexualizado e generificado (LOURO, 1998) como qualquer outra instância social, deve contribuir para a discussão de questões relacionadas à sexualidade. Ao percorrer os caminhos da história da educação sexual no Brasil, verifica-se que em meados dos anos 80 que os trabalhos na área da sexualidade aumentaram, pois houve uma preocupação por parte dos professores com o crescimento da gravidez indesejada entre os jovens e com o risco de contaminação de DST/Aids (BRASIL, 1998).

Para Louro (1998, p.86) “a sexualidade, não há como se negar, é mais do que uma questão pessoal e privada, ela se constitui num campo político, discutido e disputado”.

A criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais com os Temas Transversais abriram as portas para que essa temática tivesse amparo e pudesse estar sendo discutida no currículo escolar, pois “por essas questões tratarem de questões sociais, os temas transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma área, isoladamente, seja suficiente para abordá-los” (BRASIL, 1998 p.36).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõe justamente que o tema seja discutido pelas mais variadas áreas do saber, e a escola, como instituição de destaque na formação de identidade dos sujeitos, com o seu currículo, figura como peça de grande

importância para permitir a discussão das questões que tratam da sexualidade nas mais diversas áreas do conhecimento, pois restringir a uma única área coloca a discussão a um único viés.

E quando não se abre a possibilidade de discussão para outras áreas além da Biologia, por exemplo, “a disciplinaridade vem a ser um dos procedimentos internos de controle e delimitação dos discursos e, como tal, um procedimento que classifica, que ordena, que distribui” (VEIGA-NETO, 1995, p.37). Os parâmetros curriculares que falam dos temas transversais pretendem anular qualquer barreira, ou seja, qualquer limitação de fronteira, permitindo o debate nas diversas áreas do conhecimento.

Vê-se que com a evolução das discussões chegou-se ao discurso de que homossexualidade é construção sócio-histórica passando por diversos momentos e se modificando de acordo com o tempo e a cultura de um povo, sendo atual o preconceito que ainda nos últimos tempos gira em torno da homossexualidade fazendo urgir a necessidade do olhar na escola, de questionar como esta constrói e desconstrói estes corpos. Não se pode olvidar inclusive de que a não homossexualidade é também uma construção sócio-histórica.

Assim, corpos e prazeres são um campo de combate e debate político e sexualidade “[...] um elemento determinante na constituição dos sujeitos, tão necessário quanto o ar que respiramos” (PRADO, 2012, p.15).

O preconceito emerge a partir do momento que se tem uma hierarquia, em que se tem o inferior e o superior, ou seja, a existência de posições antagônicas em que uma posição de identidade é uma ameaça a outra.

A hierarquia é uma das várias formas da opressão e o preconceito torna invisível muitas identidades e legitima a prática da homofobia. É com ele que a hierarquia sexual faz sua trama negativa sendo entrelaçada pelos fios da moral, religião e ciência, e ainda, oculta os fundamentos históricos destas justificativas de inferiorização.

Neste sentido,

isso nos permite dizer que o preconceito se instala por meio de nossa incapacidade de vermos o invisível, o que faz deste mecanismo algo

supostamente paradoxal, porque quanto mais verdadeiro se proclama, mais fundamentado está nas crenças que necessita ocultar (PRADO, 2012, p. 74).

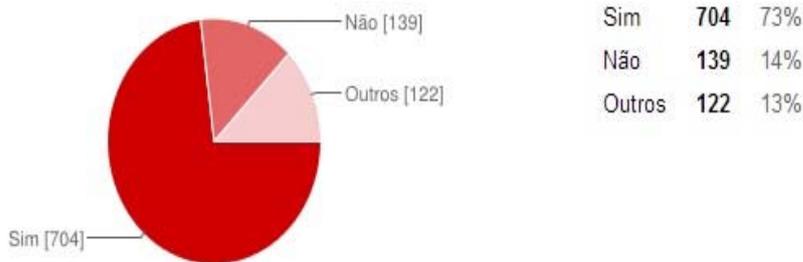
Por isso é que, em vez de escrever a história nos termos de um lento encaminhamento rumo ao direito à fala e à liberdade, convém falar de uma constituição progressiva de maneiras de viver e de pensar a homossexualidade. (...) Ora, a identidade é produzida pelos próprios gestos que entendem libertá-la. E esses gestos múltiplos, diferenciados, heterogêneos só podem se desdobrar em configurações sociais, culturais e discursivas, de que são dependentes e que lhes moldam os contornos. (...) ... os processos de ‘subjetivação’ individual e coletiva produzidos pela literatura só puderam se cumprir e se prolongar sendo moldados por contextos culturais dos quais deviam retomar certos esquemas fundamentais no momento mesmo em que entediavam contestar a força de opressão das categorias do discurso dominante. São essas ‘experiências’, histórica, cultural e socialmente situadas, esses conflitos abertos, esse jogos entre o poder e a resistência que ele inevitavelmente faz nascer, que produziram ‘sujeitos’ e as subjetividades homossexuais, e são esses ‘sujeitos’ e essas subjetividades que abriram a história de que somos os herdeiros (ERIBON, 2008, p.185).

A partir dos conceitos e discussões teóricas, busca-se refletir acerca das respostas dadas à questão referente à representação de estudantes acerca do prejuízo da imagem da pessoa que assume sua homossexualidade junto à sociedade. Esta questão consta de um questionário contendo 21 questões, do projeto de pesquisa ‘VOZES E SABERES DE SI: Discutindo sexualidades e homoafetividades na educação e na escola’, financiado pelo CNPq, no qual somos bolsistas. A questão selecionada para a presente análise continha as alternativas de SIM, NÃO, OUTRAS RESPOSTAS – podendo neste último justificar sua resposta. O levantamento se fez em um total de 16 escolas, totalizando 965 questionários. O critério para a escolha das escolas foi que uma fosse de área central e outra de região periférica, em cada município e sistema. Das 16 escolas, 8 pertencem à rede pública estadual e 8 são escolas municipais, mantidas pelas prefeituras de Blumenau, Gaspar, Indaial e Timbó, localizadas no Vale do Itajaí-SC. Portanto, foram selecionadas, em cada um dos 4 municípios citados duas escolas de cada rede por município. Nas escolas estaduais o questionário foi aplicado a alunos do Ensino Médio e as municipais com alunos do 8º e 9º ano.

Do questionário, a questão selecionada para a análise da presente discussão é a questão nº. 5 que possui o seguinte enunciado: Uma pessoa que assume a

homossexualidade pode ter prejuízos à sua imagem junto à sociedade? O gráfico abaixo totaliza esquematicamente as respostas:

5. Uma pessoa que assume a homossexualidade pode ter prejuízos à sua imagem junto à sociedade?



Percebe-se que predomina a maioria que diz que SIM, uma pessoa que assume a homossexualidade pode ter prejuízos à sua imagem junto à sociedade, e isso nos traz inquietações de modo que nas fissuras, nas entrelinhas das respostas é que se buscará a análise das respostas e discursos presentes nas falas dos entrevistados.

Os entrevistados enfatizam a questão de uma sociedade preconceituosa: *“sim por causa do preconceito; sim, mas não deveria; sim mais acho que não precisava ter; para algumas pessoas pode ser que sim;sim, pois a sociedade na grande maioria infelizmente é muito preconceituosa; perante uma sociedade preconceituosa pode ter sua imagem denegrida; sim, há muito preconceito ainda; sim, pois vivemos numa sociedade hipócrita;sim porque a raça humana e uma merda só pensa em si mesma;talvez sim, pois muitas pessoas tem preconceito;infelizmente, devido ao fato de haver homofobia; algumas pessoas não aceitam a homossexualidade e acabam não aceitando a escolha dos outros; Infelizmente sim, pois nossa sociedade ainda tem muito preconceito em relação a isso; se a sociedade for racista sim; Sim, Pois hoje em dia as pessoas tem muito preconceito, apesar da homossexualidade já ter virado 'moda'; sim principalmente o cara com muitos pecados”*.

Ignorância em relação ao conceito, senso comum e preconceito são as principais características relativas a temática em comento, demonstrando assim a importância da contribuição da pesquisa para uma abordagem crítica no combate à violência e ao preconceito que permeiam as questões de gênero. O espaço escolar faz parte da vida,

sejam estudantes ou professores, sujeitos estes que possuem as mais diversas identidades, devendo ser respeitado em sua diferença.

Outros ainda anotaram que: *“Talvez não, e quem sabe sim; Depende; depende do ponto de vista da pessoas pq são pessoas normais, ser humano; as vezes sim, as vezes não pois quando a pessoa ta na mídia ela não pode aparecer como gay ou lesbica; Depende da sociedade se eles forem racistas sim; depende do seu ciclo social, alguns não tem e outros sim; Depende, porque existe muitas pessoas preconceituosa; olha não digo prejuízos mais sim um tipo de preconceito de alguns; isso depende da sociedade; uns julgam outros não;teoricamente não... mas sempre sofre preconceito;pode, mas não deve; Não a pessoa, mas sim a sociedade, pois não sabe aceitar algo diferente; depende, pois muitas pessoas não são preparadas para aceitar a opção sexual de alguém; depende do caso e a que grupo social se assume; para algumas pessoas sim, para outras não, depende muito de como as pessoas vão julgar; cada um escolhe o que é melhor pra si; Sim, pois muitos na sociedade não aceitam esta opção.”*

Além de preconceito, intriga a atenção o padrão de respostas apresentar a sexualidade como opção sexual, uma escolha da pessoa. Esse dado intriga pois desvela uma tônica solipsista, ou seja, o individualismo é levado aos extremos, ao passo que a dimensão social, histórica e cultural não desempenhasse nenhum papel na constituição dos gêneros. Falar da sexualidade como opção é muito mais efeito do dispositivo de poder da sexualidade (FOUCAULT, 1997) do que amadurecimento crítico da reflexão sobre a sexualidade como questão inerente à educação e à formação humana.

E ainda: *“não prejuízo 'a sua imagem, mas pode sofrer algumas agressões; não, mas que sua imagem será denegrida pela sociedade sim; Olha dizer que não vai sofrer preconceito é inútil Mas tem que ter vontade e superar esses preconceitos; não deveria mais tem!; não é o correto, mas ela é vítima de preconceito;embora não devesse ter, provavelmente terá;Não deveria, mas pode; para mim não. Acho que cada um é dono de si; Muitas pessoas ainda são muito contra, mas com essa nova geração não traria muito prejuízo;depende das pessoas em que ela convive; as vezes pois tudo vai depender do seu jeito de agir e se vestir; Acredito que prejuízo não é a palavra certa, o que implica na vida de um homossexual é o preconceito”*.

Aparentemente vivemos em um mundo de regras positivadas e codificadas e as vozes “puras”, ditas “verdadeiras” desencadeiam ações determinadas por um sistema de interesses, sendo as regras o meio utilizado para transformar o “corpo social” como aceito, ou seja, as normas irão produzir e moldar esse corpo social.

O cotidiano experiencia em uma trama de poderes que se sobrepõe uma às outras e essas forças criam interações, negociam e articulam-se entre si em um verdadeiro jogo de representações, pois quando negativa-se ou inferioriza-se o outro eleva-se a outra identidade, reiterando-a e garantindo-se a sua permanência. No entanto, aquela que é “rebaixada”, anulada e estigmatizada buscará reclamar da sua condição de anormalidade e de negatividade e é justamente esse desequilíbrio gerado pela diferença que buscar-se-á o questionamento do discurso heteronormativo.

O sexo, e todas as categorias embasadas no determinismo biológico, fazem parte de um discurso construído historicamente a partir das diferenças, correspondendo a arranjos sociais específicos.

É esse conceito de sexo transcendente, baseado nas diferenças físicas, a-histórico, imutável, binário (Louro, 2004) que determina o gênero e suas relações em nossa sociedade.

Isso leva à instituição de uma sexualidade compulsória padrão, a heterossexualidade, também determinada por características físicas e que se apóia no discurso biológico da reprodução da espécie, reiterando os papéis masculinos e femininos nesse processo. Partindo dessa lógica, o desejo pelo sexo oposto se transforma num caminho inevitável a ser percorrido, justificado e legitimado por sua identificação com princípios da natureza ao passo que frisa o argumento em que Guacira Louro afirma que

Guacira Louro (1999) reforça o argumento de Britzman, afirmando que o ou a homossexual aceito/a é aquele ou aquela que esconde sua sexualidade, pois as práticas não-heterossexuais incomodam aos olhos de quem não aceita a diferença gerando o preconceito e estigmas que deixam marcas nos sujeitos que ferem as identidades normativas.

É necessário dar voz a estas identidades conflitantes e identificar as formas e práticas de preconceito na escola, pensar a homossexualidade dentro de vários contextos trabalhando os currículos nas mais variadas áreas do saber.

Desse modo, a escola precisa atuar como instrumento de multiplicação de respeito às diversidades. Para tanto, deve deixar de lado a unicidade e a questão de tornar inferior tudo que não se iguala a norma, bem como deixar ainda de pautar-se tão somente em um fundamento biológico, ou ainda em valores morais e religiosos.

Os estudantes que participaram da pesquisa nos indicam o dever de buscar uma educação para além do ensino/aprendizagem e da resignificação dos conceitos de Educação. Para um olhar diferente, seria indispensável avistar com outros olhos, ouvir, deixar falar e não fingir que simplesmente não vê, não escuta e se cala.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete e MORUZZI, Andreia Braga. **O plural da infância**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais. Ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITZMAN. Deborah P. **O que é esta coisa chamada amor**: identidade homossexual, educação e currículo. Revista Educação e realidade, São Paulo, v. 21, n.1. p. 71-96, jan/jun.1996

COSTA, M. V.(Org.). 2004. **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. RJ: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade 1: a vontade de saber. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, T.T. (org.) O Sujeito da Educação. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. "**Currículo, gênero e sexualidade:** o 'normal', o 'diferente' e o 'excêntrico'". In: _____ (Org). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Sexualidade:** lições da escola. In.: MEYER, Dagmar E. Estermann (org.) Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 1998. (Cadernos Educação Básica; 4).

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades:** a hierarquia da invisibilidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. Edições Afrontamento: Porto, 2006.

SILVA. Tomaz Tadeu da. **Currículo e Identidade Social:** Territórios Contestados. In: _____. **Alienígenas na sala de aula:** Uma introdução aos estudos culturais em educação. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

VARELA, Julia., ALVAREZ-URIA, Fernando. **A Maquinaria escolar.** Teoria & Educação. São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Michel Foucault e a Educação:** há algo de novo sob o sol? In.: _____ (org). Crítica Pós-estruturalista e Educação. Porto Alegre: Editora Sulina, 1995. p. 9-56.